



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração das obras de reurbanização da área de Ponta
Verde e Jatiúca, orla marítima**

Maceió-AL, 14 de julho de 2009

Meus queridos companheiros e companheiras de Alagoas,
Meus queridos companheiros e companheiras de Maceió,
Meu querido amigo Teotonio Vilela Filho, governador do estado de
Alagoas,
Meu querido companheiro prefeito de Maceió, Cícero Almeida,
Meus companheiros ministros, Geddel, Dilma e Luiz Barretto,
Deputados federais,
Fernando Toledo, presidente da Assembléia,
Desembargadora Elisabeth Carvalho Nascimento, presidente do Tribunal
de Justiça de Alagoas,
Senador Fernando Collor de Mello,
Deputados federais, Carlos Chamariz, Augusto Farias, Benedito de Lira,
Francisco Tenório e Givaldo Carimbão,
Meus caros companheiros secretários de Estado, secretários municipais,
Nossa querida Magnífica Reitora, Ana Dayse Dorea, da Universidade
Federal de Alagoas,
Vereador Eduardo Holanda, presidente da Câmara Municipal de Maceió,
Meu caro João Lira,
Senhoras e senhores moradores dos bairros Pajussara, Ponte Verde,
Jatiúca e Grande Maceió,
Companheiros da imprensa de Alagoas e da imprensa nacional,
Amigos e amigas,



Aqui também tem turistas do Brasil inteiro que, em vez de estarem na praia, estão aqui ouvindo o nosso discurso, e disseram para eu dar uma mensagem especial para um tal de Pedro Paulo e Paulo Pedro, que é um casal de gêmeos. Eu estava comentando com o Prefeito que parecem Cosme e Damião os dois juntos ali. Um abraço.

Eu vou falar daqui da frente, porque eu não estava enxergando o pessoal ali do lado. Olhem, vamos nos colocar de acordo na seguinte questão: todas as vezes que um presidente da República participa de um ato público é importante que a gente compreenda o ato público como um evento institucional em que não tem partido, em que não tem candidato, porque senão a coisa não funciona. Daqui a pouco tem um juiz federal ou um juiz da Justiça Eleitoral abrindo um processo, dizendo que tem campanha política para A ou para B. Nós temos momento de governar, temos momento de administrar, temos momento de disputar campanha. Nós temos momento para cada coisa.

Eu, agora, queria falar um pouco para vocês. Eu compreendo, eu compreendo porque eu vou a muitos lugares. Os companheiros vão com as suas pautas de reivindicação, com as suas demandas. É importante que levanten a sua camiseta, que levanten as bandeiras, que levanten a reivindicação. Agora, é importante que a gente também leve em conta o seguinte: o estado de Alagoas é um estado que, durante muito tempo, foi desprezado pelos governantes de Brasília. É importante. É importante a gente lembrar que já teve governador deste estado que renunciou lá em Brasília porque o Ministério da Fazenda negou os recursos que ele precisava. É importante a gente lembrar que, vira e mexe, este estado estava sem dinheiro sequer para pagar o salário dos funcionários. É importante a gente lembrar da situação difícil.

Eu estou dizendo isso porque, [em] uma das primeiras conversas que eu tive com o Governador, eu falei: Teo, acho que o governo federal, através do Tesouro Nacional, precisa tratar Alagoas diferente do que a gente trata outros



estados. Nós temos estados com mais dificuldades do que outros, então a gente não pode tratar as negociações das dívidas de Alagoas como a gente trata do estado de Pernambuco, como a gente trata do estado do Ceará, como a gente trata do estado de São Paulo. Porque alguns estados têm condições de pagar mais, outros não podem pagar, e nós não temos o direito de levar os estados à falência ou as cidades à falência, porque o governo federal não estará bem se o estado não estiver bem, o governo federal não estará bem se a cidade não estiver bem. Então, é preciso que haja uma parceria muito verdadeira entre governo federal, governo estadual e as prefeituras deste país. Que a gente não leve em conta o partido a que nós pertencemos na época de governar. Na época da campanha eu sei quem são meus adversários, mas na época de governar eu não tenho adversário porque nós precisamos governar para o povo brasileiro. Esse tem sido o sucesso do nosso governo: é não fazer discriminação, mas reconhecer também as dificuldades que cada pessoa tem. Por que sabem o que acontece? Eu já vi muita gente, pelo menos há 25 anos, eu tenho visto pessoas governando este estado em situações de total calamidade. Tem hora que é a Polícia Estadual que entra de greve, tem hora que é a Polícia Civil que entra de greve, tem hora que são os professores que entram de greve, porque a situação do estado é uma situação, eu diria, delicada.

Então, o que nós precisamos fazer é consertar este estado para que ele se transforme em um estado com receita própria, com autonomia e com capacidade de investimento, porque senão vai acontecer a vida inteira. Vocês vão eleger e no dia seguinte já estão culpando, elegem outro e no dia seguinte estão culpando, elegem outro e no dia seguinte estão culpando, porque a gente não discute o problema principal que é a recuperação econômica do estado. Esse é um dado. A segunda coisa, é que eu venho aqui inaugurar uma obra que deve ter custado no total uns R\$ 30 milhões, toda a orla. É uma obra que mexe com uma coisa que eu acho mais sensível. Quem já foi mais gordo,



como eu estou agora, e faz um regime e perde 10 quilos, quando a gente se olha no espelho a auto-estima vai lá para o céu. Vamos ser francos.

Ora, eu estou falando isso porque uma orla dessa, eu tenho certeza que quando um alagoano levanta de manhã para fazer a sua caminhada e ele vê essa beleza, ele fala graças a Deus alguém está olhando por mim, graças a Deus alguém está fazendo as coisas, mas não são só vocês de Alagoas. Imaginem um turista que venha do Rio Grande do Sul, imagine o turista que venha de Santa Catarina, de São Paulo, do Amazonas, que venha de qualquer outro lugar do Brasil. Ou imagine o turista que venha da Alemanha, que venha dos Estados Unidos, que venha do Canadá, ou seja, ninguém gosta de miséria, ninguém gosta de pobreza, ninguém gosta de sujeira. Às vezes, as coisas não são feitas por relaxo, as coisas não são feitas, às vezes, por falta de dinheiro. Mas quando a gente vem aqui e vê um lugar de as pessoas andarem dignamente, levantar de manhã para fazer a sua ginástica, e vocês saberem que lá no Canadá, lá na Alemanha, na Holanda tem alguém falando: “Mas Maceió é uma cidade extraordinariamente bonita, limpa”. É isso que dá orgulho para a gente.

Eu dizia sempre que o mundo não respeitava muito o Brasil, porque o Brasil tinha complexo de segunda classe. O Brasil tinha complexo de inferioridade. “Ah, um presidente brasileiro perto de um presidente americano, ele já andava de cabeça baixa”. Porque nós aprendemos, desde pequenos, que nós somos de segunda classe. Nós fomos colônia, durante quase 400 anos os portugueses mandaram aqui, depois que os portugueses foram embora começou a mandar todo mundo, depois vieram os americanos e nós aprendemos que nós éramos de segunda classe. “Então, tudo que era do exterior era melhor”.

Eu aprendi, em minha vida sindical, que não existe possibilidade de um ser humano, seja ele [homem] ou mulher, ser respeitado se ele não se respeitar. A condição fundamental para você ser respeitado é você, em primeiro



lugar, se respeitar. As pessoas têm que saber que você está conversando com ele em igualdade de condições. Não tem essa de país rico, país pobre. São dois chefes de Estado e têm que conversar em igualdade de condições. Nós temos direitos, nós temos deveres e, portanto, nós queremos respeito. E respeito é bom, a gente gosta de dar e gosta de receber.

Por isso, eu fico muito orgulhoso, porque eu passei vinte anos da minha vida – acho que até perdi o dedo nisso – carregando “Fora FMI”. Cansei de carregar faixa “Fora FMI”. Gritava, gritava. Quis Deus, quis Deus que foi exatamente no meu governo, para telefonar para o Presidente do FMI, que era um espanhol, e dizer para ele: eu quero que você venha ao Brasil porque eu quero devolver o dinheiro do FMI e não quero ficar dependente do FMI. E há 15 dias, tomamos a decisão de emprestar 10 bilhões para o FMI. Para quê? Para que emprestar? Porque tem uma crise econômica internacional, que abateu profundamente os países ricos, os Estados Unidos, a Alemanha, todos os países estão em uma situação extremamente delicada, e se os ricos estão mal, os pobres estão pior ainda. Então, nós emprestamos dinheiro ao FMI para que ele empreste dinheiro aos países mais pobres sem impor condicionalidades. Não tem essa de emprestar o dinheiro, e depois vir delegação do FMI dar palpite na economia. Empréstimo o dinheiro, faça contrato e deixe o governo gastar do jeito que o governo decidir, soberanamente.

Agora, qual é o paradoxo? O paradoxo é que essa crise agora é, pelo menos, 20 vezes ou 30 vezes maior do que a crise do final dos anos 90, que pegou o México, que pegou a Rússia, que pegou inclusive o Brasil. E desta vez, o Brasil – e posso dizer isso para vocês com orgulho, olhando para a imprensa, olhando para todo mundo – desta vez o Brasil e a China são os dois países mais preparados para enfrentar a crise neste mundo. Isso me orgulha profundamente.

No mês passado tivemos 136 mil empregos de carteira assinada. Nos Estados Unidos foram quase 700 mil pessoas que ficaram desempregadas no



mês de junho. Este mês vamos crescer outra vez, e quando chegar o mês que vem, para a desgraça de quem não quer que o Brasil dê certo, a nossa economia vai crescer acima de 4% e a gente vai voltar a gerar a quantidade de riqueza que este país precisa. É exatamente os sacrifícios que nós fizemos no começo do governo que estão permitindo que a gente colha agora. Não adianta alguém plantar um pé de jaca e não podar direitinho, não jogar água, que vai colher jaca boa, não adianta. Você vai colher uma frutinha “merrecrefe” [mequetrefe], ou seja, uma coisinha bem mixuruca. Agora, se você irrigar, tratar com carinho, você vai colher uma coisa boa.

Eu aprendi, companheiros, aprendi que a palavra governar deveria... é errada. Na verdade, nós não temos que governar, nós temos que cuidar, cuidar deste país, cuidar do nosso povo, cuidar da nossa água. Agora, Dilma, veja a responsabilidade que nós temos. Você viu a quantidade de elogios que o Cícero fez e que o Teo fez, a quantidade de agradecimentos. E agora sou eu que recebi os agradecimentos, que vou me colocar alguns problemas. Eu cheguei aqui de helicóptero e eu falei: eu quero ver se eu conheço a totalidade da obra. E fomos até lá à frente. E, quando eu chego lá, eu vejo em um lugar bonito uma favelinha pequena e uma favelinha maior. Ali, eu não sei nem como se chama.

Olhe, o que eu sei é que nós não podemos recuperar a orla que nós recuperamos e deixar duas ilhotazinhas de miséria expostas para todo mundo ver. Então, eu queria pedir a Sua Excelência, o prefeito, e a Sua Excelência, o governador, que preparassem um projeto, porque ou o Ministério das Cidades ou o Ministério do Geddel, que é rico... ou seja, para a gente disponibilizar alguns recursos, quem sabe, aproveitando o programa Minha Casa, Minha Vida para a gente poder desocupar. Não é tirar como antigamente, não, mandar a polícia tirar. Nada de polícia. É tratar as pessoas com respeito e colocar no lugar daqueles barracos uma casa digna, de alvenaria, para as pessoas morarem. São poucas casas, são poucas casas. Mas nada mudará se



depois de a gente fazer todo o discurso que nós fizemos aqui, daqui a um ano tiver aqueles barracos ainda lá, assim. E o que é importante notar – e o Cícero sabe disso, deve saber muito mais do que eu – é que aquele povo que mora ali deve trabalhar naqueles (incompreensível) fica lá na frente. Então, ali é o local de moradia e o local de trabalho deles. Então, muitas vezes, nós da classe média quando vamos comprar um peixe a gente só quer saber de pegar: “está seco?, está barato?”, e a gente nunca pergunta como é que vive o pescador que pescou aquele peixe. Nunca pergunta. É por isso que eu criei o Ministério da Pesca e eu tenho certeza de que todos os pescadores deste País que estão cadastrados estão recebendo salário-defeso. Na época da desova eles recebem um salário mínimo para poder garantir não precisar pescar. Nós estamos financiando rede, estamos financiando barco, da mesma forma que a gente financia um carro na cidade, a gente financia um barquinho para o companheiro poder pescar porque é o seu instrumento de trabalho.

Uma outra coisa Dilma, que é uma reivindicação nossa para nós mesmos, é o seguinte: o governo do estado deve ter ficado com quantas casas do programa Minha Casa, Minha Vida? 29 mil eu acho que é, 19 mil, 19 mil, ...19.622, a mulher do sabe tudo! Na verdade, eu acho que se o Obama conhecesse ela, o Obama falava: “ela é a cara”.

Bem, pois bem, então, são 19 mil casas. Aqui para Maceió, aqui para Maceió, nós temos apenas quatro mil casas, me parece, para quem ganha de zero a três, porque tem oito mil para o estado, mas para Maceió são quatro. Acontece, que tanto o Prefeito quanto o Governador me disseram que tem uma grande parte da população que precisa de casa, que ganha de zero a três. São R\$ 1.200,00 e pouco, R\$ 1.300,00. Então significa, companheira Dilma, que nós, e você como coordenadora do programa, vamos ter que fazer uma avaliação de algumas cidades que podem ter casas em excesso para que a gente faça uma redistribuição e a gente possa contemplar o estado de Alagoas e, sobretudo, a grande Maceió com um pouco mais de casas. E nós... como a



Dilma está acompanhando mensalmente esse Programa, a gente vai vendo quais as cidades que estão cadastrando, quais as cidades que estão atendendo àquilo que o governo necessita e, na medida em que for sobrando, a gente faz como o dinheiro do PAC: a gente faz transferência de um projeto para outro para que esse projeto possa ser executado. É, na verdade, um programa extraordinário, é o maior programa habitacional já pensado neste país. São 1 milhão de casas que nós queremos construir até 2010. É um desafio aos empresários brasileiros, é um desafio à Caixa Econômica Federal, é um desafio a todo mundo que já discutiu programa habitacional no nosso país.

Terceira coisa que eu quero dizer para vocês: olhem, este país entrou numa nova situação. O Brasil, hoje, é um país mais respeitado e nós, então, temos que ter consciência de que o Brasil tem que aproveitar este momento e fazer aquilo que não foi feito no último século. O Brasil perdeu muitas oportunidades, sobretudo na área da educação. Nós, hoje, temos que compreender que nenhum país do mundo será competitivo se a gente não colocar a educação em primeiro lugar neste país. Lógico que todo mundo tem que ter clareza que a gente não conserta erros de um século em dez anos, mas tem que ter um processo, tem que ter um começo. É como construir a escada da China, a Muralha da China. Se o chinês, o imperador que resolveu construir aquela Muralha, ele ficasse olhando o final e visse que era difícil e muito grande e não colocasse o primeiro tijolo, a Muralha não estava pronta. Então, para recuperar a educação, nós já fizemos algumas coisas que ainda não são tudo. Primeiro, começamos agora aumentando em um ano a idade para o ensino fundamental: as crianças vão começar a entrar com seis anos na escola. Isso é importante... É muito importante, Cícero, pelo seguinte: antigamente uma pessoa de posse média poderia pegar o seu filho e colocar em uma pré-escola. Uma outra pessoa mais pobre não poderia. Quando as duas crianças se encontravam na escola, parecia que uma era mais inteligente



do que a outra. Não era mais inteligente. É que uma já tinha tido oportunidade de ter a pré-escola. Já tinha contato com o lápis, com o quadro negro, com a borracha, com o papel, já estava alfabetizada, e o outro estava começando. Então, se dizia que um era burro e o outro era inteligente. Não. Os dois eram inteligentes, só que um tinha tido a oportunidade que o outro não teve. Por isso nós diminuímos para seis anos.

Nós resolvemos fazer as escolas técnicas que faltavam no Brasil. Também não dá para fazer tudo. Eu queria dar um dado para vocês, educadores, importante. Em 1903, o presidente Nilo Peçanha criou... Melhor, em 1909, ele criou a primeira escola técnica na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. De 1909 a 2003, portanto quase um século, foram feitas no Brasil 140 escolas técnicas. Em cem anos foram feitas 140. Em 1998, não sei de quem partiu a ideia, fizeram uma lei, mandaram uma lei para o Congresso Nacional, tirando a responsabilidade do governo federal com o ensino técnico profissional. E aí, tinha que fazer convênio com as prefeituras, com ONGs, com sindicatos. O dado concreto é que elas não puderam acontecer. Nós mandamos um outro projeto de lei, revogamos a lei que estava no Congresso Nacional, e até 2010, nós vamos fazer, além das 140, nós vamos fazer, em oito anos, uma vez e meia de tudo o que foi feito em um século, de escolas técnicas neste país. Vamos fazer 214 escolas técnicas profissionais e, só neste ano, nós estaremos inaugurando cem escolas técnicas neste país.

Aqui, a nossa Magnífica Reitora sabe do que nós estamos fazendo nas universidades. São 12 universidades federais novas, duas estão em projetos de lei no Congresso Nacional para serem votadas, portanto, são 14. Mas, vamos inaugurar 105 extensões universitárias neste país. Aqui, nós já inauguramos em Arapiraca, nós temos uma lá em Palmeira dos Índios, extensão universitária que ainda não está concluída. Eu disse para a reitora que hoje nós encontramos já aluno reclamando porque a escola, a universidade não está acabada. Mas ela vai ser acabada. E por que nós



estamos fazendo isso? Porque a partir de agora... Mas aí escola técnica... Delmiro Gouveia. Não, tem mais cidades que eu não sei o nome das cidades que tem.

Mas, sabe o que acontece? O que é importante é que nós estamos preparando o País para daqui a dez anos. Porque quando a nossa juventude, meninas e homens, tiverem acesso a uma educação de melhor nível, este país não vai ser apenas exportador de soja ou exportador de minério de ferro. Este país vai exportar inteligência, conhecimento, valor agregado, e vai ser muito melhor para o nosso país.

Por último, eu queria dizer que eu vi os companheiros aí com a camisa do pré-sal, essa amarelinha, está ali a turma do pré-sal. Vocês sabem que o pré-sal foi a grande descoberta de petróleo desse começo de século no mundo. E o Brasil teve a oportunidade de descobrir a seis mil metros de profundidade jazida de petróleo com possibilidades de uma reserva extraordinária de petróleo de qualidade. Porque o nosso petróleo hoje é 16 API, ou seja, um petróleo meio grosso, que você tem que misturar com petróleo fino para facilitar o refino. Esse petróleo que nós encontramos agora é de 32 API, portanto é um petróleo quase que gasolina pronta, quase que gasolina pronta. É um petróleo de fina qualidade.

Nós já começamos a explorar no poço de Tupi, no Rio de Janeiro, de forma experimental. Porque são dois mil metros de água, dois mil metros de rocha e dois mil metros da camada de sal para a gente chegar ao petróleo. O primeiro teste que nós fizemos... ver um japonesinho lá na ponta, porque quase chega no Japão a broca. Quase chega lá. Agora, esse petróleo... Nós estamos agora trabalhando a regulamentação da nova lei do petróleo. Esse petróleo, eu vou contar uma história para vocês. Como é que funciona no Brasil, hoje? Esse regime de concessão que nós temos, ou seja, uma empresa vem, participa de um leilão, ela ganha o leilão. O petróleo, lá no fundo do mar, custa em média, Dilma, de US\$ 5 a US\$ 15. Lá no fundo do mar ele custa, o barril, entre US\$5 e



US\$ 15. Lá no fundo. Quando ele chega na boca, ele custa uns 70 hoje. Ora, o que acontece? Do jeito que é hoje, a empresa nos paga uma média do valor dele lá embaixo, e quando chega lá em cima, é tudo da empresa, é tudo... E ela paga para nós uma bagatela de *royalties*.

Então, nós, agora, queremos mudar. Vamos mandar a discussão para o Congresso Nacional, e nós queremos que o petróleo seja nosso lá embaixo e seja nosso lá em cima, porque é quando ele está em cima que ele tem valor. E aí nós vamos fazer diferente. Nós queremos fazer essa discussão diferente. Nós queremos discutir qual é a parte que fica para nós. Nós somos donos do petróleo. Nós temos uma empresa de alto conhecimento tecnológico, que é a Petrobras. Então, nós temos a faca e o queijo, e como estamos com fome, vamos comer, vamos comer.

Nós queremos fazer um debate nacional, porque nós não queremos que o projeto seja do governo. Nós queremos que o projeto seja da sociedade brasileira e, para isso, nós estamos propondo criar um fundo. Um fundo para quê? É um fundo que a gente possa até abrigá-lo, para a gente fazer como na Noruega. É um fundo que a gente vai cuidar da pobreza deste país, da educação deste país e do investimento em ciência e tecnologia neste país, porque é isso que vai dar garantia para todos nós. E isso, nós estamos em fase final, para terminar o projeto que a Dilma e os ministros que participam vão me entregar, e depois nós vamos fazer uma discussão com o Congresso Nacional, com a sociedade e vamos votar. E vamos ver como é que se comportam aqueles que outro dia queriam privatizar a Petrobras. Vamos ver. Teve gente que chegou a falar: “Nós precisamos nos desfazer do último paquiderme brasileiro, que é a Petrobras”. Então, esse paquiderme agora é nosso, e nós vamos cuidar do paquiderme com um carinho extraordinário, como se fosse a coisa mais inteligente do mundo.

Por último, eu quero dizer aos companheiros de Maceió que eu venho aqui desde 1979. Eu tenho um companheiro aqui que é meu compadre, o



Adelmo, que era presidente do Sindicato dos Jornalistas de Alagoas nos anos 70, 1979, 1980. Depois eu vim aqui participar de greve de jornalistas no tempo em que o Freitas Neto era presidente do Sindicato dos Jornalistas. Agora, de todos esses anos que eu vim aqui, de todos esses anos, nunca, nem meu compadre Adelmo, nem meus adversários, me convidaram para molhar a minha canela fina nessa água deliciosa aqui de Maceió. Não é possível, não é possível. Eu nunca tomei um banho na... Nunca tomei um banho. O pessoal do PT e do Sindicato vive de reunião, reunião, reunião. Então, nunca me levaram para tomar um banho na praia. Eu não vou prometer agora que eu vou tomar banho, eu não vou prometer. Mas eu já falei para o Teo e vou falar para o Prefeito: quando eu deixar de ser Presidente da República, eu vou comprar um short novo, vou bronzear as canelas – porque nós, lá de São Paulo, temos as canelas brancas, lá do Sul do País – e vou lá no lugar que eu vi, que as pessoas ficam no meio do mar, sentadas em uma cadeira, tomando água de coco com outras coisas.

Mas, antes disso, eu tenho que vir aqui inaugurar muitas obras, porque a verdade é a seguinte, a verdade é a seguinte: o Nordeste, durante quase meio século, ficou fora do mapa brasileiro. O Nordeste só aparecia no mapa da miséria, da mortalidade infantil, da desnutrição, do analfabetismo e do êxodo rural. Eu tomei consciência, não por ser nordestino, mas porque conheço o Nordeste, de que é preciso incluir o Nordeste no mapa do Brasil. Não no mapa da doença, mas no mapa da saúde; não no mapa da ignorância, mas no mapa da pós-graduação, do mestrado, do doutorado, da pesquisa. Não no mapa do êxodo rural, mas no mapa dos trabalhadores rurais, incluídos, com crédito.

Então, nós colocamos no PAC para o Nordeste, até 2010, R\$ 132 bilhões. Eu quero que os pesquisadores pesquisem, estudem quem faz Economia. Em que época deste país um governo destinou, em quatro anos, 132 bilhões de investimento e de financiamento para o Nordeste brasileiro? E vamos fazer cada vez mais porque, na verdade, o que nós estamos fazendo



quando tiramos uma favela, é a gente consertar os desmandos dos governadores do passado, dos prefeitos do passado. Quando tem um barraco, se a gente conversa, a gente não deixa ele surgir, mas se a gente deixa juntar mil, a gente tem um problema social e aí tem vereador metido, tem prefeito metido, tem deputado metido, porque na época da eleição pode tudo e depois da eleição vem o problema para quem governa resolver.

E nós, Cícero, vamos ser a geração que começou a polir, a polir, definitivamente, o desmando gerencial deste país. Eu aprendi uma coisa sagrada: não tem nada mais barato, não tem nada mais fácil do que a gente cuidar do pobre. O que é difícil é cuidar do rico, o que é difícil. O pobre, o pobre, com R\$ 10, fica agradecido. O rico, com um bilhão, ainda faz campanha contra você. Então, é preciso a gente saber trabalhar corretamente. Eu sou um Presidente de todos. Banqueiro nunca ganhou dinheiro como no meu governo, empresário nunca ganhou dinheiro como no meu governo, nunca. Nunca ganharam tanto. Agora, eu sou de todos, mas todo mundo tem que saber, eu tenho prioridade para acabar com a miséria deste país e vou cuidar dos pobres deste país.

Um abraço. Parabéns e parabéns, Prefeito.

(\$211A)